



A MARGEM DA SEXUALIDADE FEMININA EM A *COR PÚRPURA*

Autor: Wisley Gean da Silva Costa

(Universidade Estadual da Paraíba - wislleyg@gmail.com)

Orientador: Auricélio Soares Fernandes

(Universidade Estadual da Paraíba / Universidade Federal da Paraíba - auriceliosoaresfernandes@gmail.com)

RESUMO: Ao adentrarmos na ficção de Alice Walker, deparamo-nos com a forte presença de Shug Avery na vida de Celie. Seu estilo de vida marcado pela independência, liberdade e ousadia possibilitou, tanto por finalidades ficcionais quanto reais, a demonstração do viés feminista, ou na ideologia de Walker, *womanist*, do ideal de mulher livre de um sistema patriarcal a que está subordinada. Nesta perspectiva, este trabalho objetiva refletir sobre o pensamento feminista nas lutas que a inserem, considerando a liberdade sexual na obra de Alice Walker *A Cor Púrpura*, e de como esta possibilitou a emancipação do/a sujeito/protagonista Celie. Para tal realização, moldamo-nos na pesquisa bibliográfica referente ao movimento feminista, em especial ao do feminismo negro, assim como na própria Walker quanto nos apontamentos que faz a essa nova leva do movimento, expondo, inclusive, um conceito que pudesse abranger uma maior amplitude como quanto fechar algumas lacunas existentes na primeira leva do movimento. Além disso, trabalharemos com Lacan para imprimirmos uma ligação entre a psicanálise, através dos estudos referentes ao estágio do espelho como formação do eu, e o relacionamento entre Celie e Shug Avery como forma de superação de um trauma sexual na vida da protagonista. A partir disto, relacionamos como o outro, neste caso Shug Avery, se sustentou na obra, e de como ele fora explorado pela autora ao construir a personagem, que além de situar-se como peça chave para o desencadeamento emancipatório de Celie, na visão lacaniana, fora também agente de significação de como Alice Walker enxergava a luta das mulheres na sociedade, entregando a esta personagem as características do *womanism* das quais considerava exemplares.

Palavras-chave: Feminismo, Sexualidade, Psicanálise, Literatura.

INTRODUÇÃO

Quando olhamos a nossa volta e tentamos encontrar fragmentos de uma sociedade preconceituosa e discriminatória, por vezes percorremos todo o campo angular e não encontramos mais do que os jornais podem nos oferecer. Carentes de discussão, encontramos então, nos livros de ficção uma possibilidade de fuga da realidade.

Evidenciamos, pois, nos escritos de Alice Walker, e principalmente no romance *A Cor Púrpura*, as vozes suprimidas da sociedade em que o sistema patriarcal impera, condicionadas a se limitarem em uma estrutura social rígida (ESPINDOLA, 2013). Nesta oportunidade, a autora nos traz discussões sobre a violência doméstica, o racismo, a submissão feminina e as lutas que os/as excluídos/as travam no objetivo de garantirem a liberdade (*Idem*).



Os protestos retratados na ficção de Walker começam já a partir da linguagem utilizada para a narração da história, quando ela faz jus ao *black english*, que é uma variante da língua inglesa americana, característicos dos/as negros/as, para dar representatividade àqueles que possuem sua voz abafada (LOURENÇO, 2006 apud ESPINDOLA, 2013). Não obstante, a escolha de uma protagonista mulher, negra, pobre e, de início, semianalfabeta corrobora para exemplificar os opostos do prestígio social marcado. Com isso, a autora busca dar voz às minorias que são subjugadas nessa sociedade patriarcal, como também fortalecer os ideais vinculados as mulheres na luta pela sua significação no meio social (SILVA, 2008 apud ESPINDOLA, 2013).

A partir deste entendimento, iremos discutir o feminismo, mais precisamente os estudos das mulheres na sociedade periférica, ou o feminismo negro, que tem como eixo de discussão temas como "racismo, o anti-semitismo, o imperialismo, o colonialismo, a ênfase nas diferenças de classe, e, principalmente, a possibilidade de interpelação dos atuais modelos teóricos feministas" (ESPINDOLA, 2013, p. 33). A partir disso, nós trabalharemos com os estudos de Lacan para descrever como a sexualidade colaborou na emancipação do sujeito que fora marcado pelos abusos de violência de uma sociedade patriarcal. Para tanto, utilizaremos suas pes-

quisas em psicanálise sobre o "estádio do espelho como formação do eu" para construirmos uma ligação entre as personagens Celie e Shug Avery, e de como esta última contribuiu para a libertação da primeira perante a situação sobreposta descrita.

2 O FEMINISMO NA SOCIEDADE PERIFÉRICA

Quando citamos os estudos feministas em nossa sociedade contemporânea é comum pensarmos em mulheres que desenvolvem trabalhos de fortalecimento da classe diante as desigualdades na qual a sociedade está constituída.

Essa leva de estudos feministas, no entanto, remete-se a um período originado em meados do século XIX até a década de 70 e está embrincado na luta pelo "direito de voto à mulher, direito de participação nas decisões do estado, reivindicação de direitos iguais no mercado de trabalho, além de exigências políticas que se traduziam em tendências ideológicas diversas." (ESPINDOLA, 2013, p. 33). Ao passo que a nova direção do movimento, composta dos anos 70 para cá, preocupou-se em "buscar uma ruptura simbólica da figura legitimada de mulher e do discurso construído sobre ela" (Idem), a fim de compreender os efeitos que a invisibilidade das mulheres em espaços de poder poderia ocasionar.



A partir de então, os estudos feministas puderam abraçar-se a um novo espaço de discussão: as sociedades periféricas. Nela, discussões que abarcam outros problemas sociais são evidenciadas e postas em debate, tais como o racismo, a luta de classes, o imperialismo (HOOKS, 1990 apud ESPINDOLA, 2013, p. 33).

Autoras que consideram este novo movimento do feminismo, ligado a questões raciais, manifestaram em suas obras "women's liberation, gender equality, manifestation of womanhood and, as Aoi Mori notices, the celebration of "female autonomy regardless of sex and race" (BALTRUŠAITYTĖ, 2011, p. 16), ou seja, vislumbraram em seus personagens figuras de mulheres que pudessem representar outras que são ofuscadas pela sociedade, e além disso, representassem mulheres capazes de demonstrar a força que a emancipação da luta feminista pode desempenhar em suas vidas.

Curiosamente, apesar deste movimento expressar a luta das mulheres negras, Alice Walker ressalva que este termo é insuficiente para descrever os desejos e a força das mulheres. Para ela, faz-se necessário um termo que se remeta a um "*outrageous, audacious, courageous or willful behavior*" (WALKER, 1984 apud BALTRUŠAITYTĖ, 2011, p. 18); ou seja, alguém que queira mais e deseje fazer

além. Ela, pois, o cunhou como *womanist* e assim o descreve:

Firstly, womanist is also a woman who loves men and other women, both sexually and nonsexually; someone who celebrates womanhood, appreciates women's emotionality, and women's strength; someone who is universal [...], responsible, serious, always in charge and traditionally capable. Secondly, a womanist is someone who is "committed to survival and wholeness of entire people, male and female" (Walker 1984: xi). Thirdly, a womanist is someone who loves music, dance, the moon, the Spirit, love, food and roundness, struggle, the Folk and herself. "Regardless" (Walker 1984: xii). Finally, Walker concludes, "womanist is to feminist as purple to lavender" (BALTRUŠAITYTĖ, 2011, p. 18)

Dessa forma, ela demonstra que a mulher pode explorar sua feminilidade, seu corpo, sua sexualidade sem restringir-se a uma sociedade que tenta, por vezes, diminuí-la, nem tampouco deixar de vivenciar as possibilidades e oportunidades que são construídas a partir do seu relacionamento com a sua cultura e com outros participantes da sociedade. Tornando-se capaz, portanto, de aventurar-se pelas experiências da vida coletiva e individual no compromisso de preservar a integridade e o direito dos/as outros/as de também vivenciá-la.

3 O DOMÍNIO PATRIARCAL

Até este ponto, entendemos as lutas que envolvem o ideal feminista. Contudo, ainda não exploramos o fator que as fizeram assumir esta luta. Primeiramente, há que se



entender os domínios que se perpetuaram a partir do homem branco, que exerce poder sobre as mulheres, os homossexuais e gêneros de outras raças. Esta abordagem masculina, segundo Halberstam (apud BALTRUŠAITYTĖ, 2011) remete-se ao conceito tradicional de masculinidade, na qual marca a forte presença de uma sociedade patriarcal.

Nesse aspecto, Alice Walker explora em sua narrativa o uso desse efeito de dominação e, além disso, aborda conceitos de dominação advinda do homem negro, assim que tem fim a escravidão, sobre a mulher negra, tratando-a como escrava. Ou seja, "the black man has assumed a relationship of domination over the black woman in order to mitigate the relationship of dependency provided by racist structures" (BALDWIN apud BALTRUŠAITYTĖ, 2011, p. 23). Por esta razão, é comum encontrarmos em narrativas de escritores afrodescendentes a estrutura familiar que reproduzem a mulher como vítima e o homem negro como violento e bruto.

Na obra *A Cor Púrpura* evidenciamos a negação do poder atribuído a protagonista Celie, que vive em um ambiente social patriarcal e que a torna vítima do seu próprio destino e seu papel de mulher a assemelha a uma escrava ou a um animal domesticado (BALTRUŠAITYTĖ, 2011). No romance, Celie é obrigada a calar-se diante os seus sentimentos e exerce uma função extremamente

passiva dos fatos; seu corpo é ainda tratado como um objeto que se é utilizado por seu pai, a princípio, e em seguida por seu esposo, ao espancá-la e estuprá-la diariamente.

Com isso, o homem negro assume uma posição de superioridade perante as mulheres, e elas, por sua vez, ratificam esta relação de poder ao enxergá-los como uma fonte de violência e medo incapazes de contrariar a ordem estabelecida (Idem). Podemos verificar o desgosto que a personagem apresenta de sua vida conjugal, e, portanto, de sua vida submissa as vontades do homem, quando ela explana que preferia estar morta e enterrada a estar casada: "Se eu tivesse interrada, num tinha que trabalhar." (WALKER, 1982, p. 29), demonstrando claramente a força que escraviza as mulheres perante o homem.

4 OS NÃO LIMITES DO CORPO

Assim como verificamos, o homem sempre exerceu sobre as mulheres o domínio sobre elas próprias. Bourdieu (2010, p. 31) aponta, inclusive, que o desejo masculino é visto "como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizada da dominação". No entanto, com o advindo das forças das lutas feministas, bem como o *womanism*, as mulheres buscaram restaurar a imagem do



corpo que lhe pertencem, desapropriando-as das vontades masculinas.

Embora hoje as mulheres estejam mais frequentemente escrevendo sobre seus corpos, elas ainda o descrevem de maneira dolorosa, assim como observa Alicia Ostraker (apud ROSS, 1988, p. 70)

that although among contemporary poets females are more likely to describe the body or to use it as a source of imagery than their male counterparts are, their images often focus on strangulation, cutting, mutilation, or depictions of "psychic hurt in somatic terms".

Na obra de Walker, a protagonista Celie, por exemplo, ao descrever a violência que ela vem sofrendo, prefere se calar como uma árvore e aguentar firmemente as dores provenientes do abuso com seu corpo: "Ele bate em mim como bate nas criança. [...] Tudo o que posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tábua. É por isso queu sei que as árvores têm medo dos homem." (WALKER, 1982, p.33).

Celie, no decorrer do romance, não possui a ambição de fazer uso do seu corpo e confrontá-lo as vontades do seu marido. Contudo, tal situação se altera quando ela conhece Shug Avery, amante de Ms. _____, seu esposo. Shug está doente e fica a cargo de Celie ajudá-la a se recuperar. Enquanto cuidava de Shug, ela lhe apresentava os prazeres do seu corpo e da experiência sexual. Celie, no en-

tanto, aventurava-se a observar seu corpo com receio que esteja fazendo algo de errado e Shug, agindo como uma mentora, prepara-a para um novo sentimento que será despertado: "Escuta, ela falou, bem lá embaixo na sua xoxota tem um piqueno botão que fica muito quente quando você faz você sabe o que com alguém. Ele fica cada vez mais quente e mais quente e então ele derrete. Essa é a parte boa" (Idem, p. 92)

Essa visão que Celie desempenha ao ser introduzida a observar e conhecer o seu corpo, em um processo do reconhecimento do eu, pode ser analisada segundo os estudos psicanalíticos, no qual encontra em Lacan a experiência necessária para a compreensão da própria individualidade. Lacan (1998) chama esse estudo de estágio do espelho, no que consiste o ato de olhar-se no espelho e encontrar nele, não um objeto qualquer ou até mesmo um outro revestido de sentido, mas a si próprio e o entendimento que aquele reflexo lhe pertence, é seu. Contudo, Lacan (*idem*) exemplifica no mesmo estudo, que esse processo de reconhecimento do eu ainda passa por um outro movimento que é tornar público essa percepção de si próprio, ou seja, é necessário que o sujeito receba o aval de um outro alguém confirmando que aquilo que ele acabou de visualizar no espelho lhe pertença. Desse modo, não se faz apenas necessário que o sujeito se reconheça no espelho, mas que o



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

outro possa reconhecê-lo como tal. O espelho, neste caso, deve ser encarado não no seu sentido denotativo, mas sim conotativo, pois o espelho nada mais é que o reflexo, ou mesmo o retorno, que o sujeito recebe do meio social. Em outras palavras, o espelho se constituiria como a família, os amigos, os colegas de trabalho, enfim, os grupos sociais no qual o indivíduo é participante. Nessa perspectiva, a construção da identidade é um processo de reconhecimento social. Pois, "the first Desire of any human is the absolute one for recognition (the Desire to be desired), itself linked to the Desire to be a unity" (RAGLAND-SULLIVAN apud ROSS, 1988, p. 74). Para Celie, portanto, conhecer seu corpo e ele ser reconhecido por outro, neste caso Shug, fez com que ela reconstruísse o entendimento de seu eu.

Podemos considerar também que, a partir do relacionamento entre Celie e Shug desenvolveu-se na primeira uma outra área que estava sendo retardada, a linguagem. Pois, como sustenta Lacan, para haver discurso é preciso haver o outro a quem se dirige (SHERIDAN apud ROSS, 1988, p. 74), e, neste caso, o único outro a quem Celie se dirigia no início do romance era a Deus, personagem esse que ratificava a figura patriarcal, de homem branco ou não, que exercia superioridade sobre ela (ROSS, 1988). Esse discurso, no entanto, não era correspondido, o que

expandia sua introspecção. Porém, podendo agora interagir com outra pessoa, que não apenas lhe ouvisse, mas também a correspondesse, tornou-se acessível a Celie a possibilidade de libertação do seu autismo. Shug, neste caso, desempenha não só a função de lhe ensinar o que fazer ou como fazer, mas também lhe exhibe tal como na prática. Ela torna-se uma mentora e amiga, que "[to] provider of a value system and lifestyle which the patient [Celie] embraces as a germinating ego ideal" (SHARON HYMER apud ROSS, 1988, p. 75)

Assim sendo, Shug passa a ser o que Lacan descreveria como o outro, aquele que exerce o papel de confirmação da identidade de Celie, capaz não somente de ensiná-la nos prazeres de seu corpo, como também ser o agente social que concebe o aval necessário para que Celie reconheça o seu corpo e faça dele objeto de seu desejo. "By taking her back to the mirror stage, Shug helps Celie identify with her more positive perceptions of selfhood, sexuality, and body." (ROSS, 1988, p. 78).

Após esse período de descobrindo, Lacan esclarece que o sujeito passa a utilizar-se da linguagem coerentemente como forma de superação deste estágio. No entanto, Celie não demonstra logo de início o pleno domínio desse controle, pois os primeiros sinais de desenvolvimento da linguagem fazem-se na forma de articulação para vingar-se de Albert,



seu esposo. Ela planeja matá-lo e o tenta em um momento que ela está fazendo sua barba com a navalha. Contudo, Shug observa a situação e a impede de cometer o assassinato. Celie, então, compreende a situação e cessa a violência, passando a utilizar-se da linguagem como forma de libertação da dominação masculina: "Eu sou pobre, eu sou preta, eu posso ser feia e num saber cozinhar [...] mas eu tô aqui." (WALKER, 1982, p.230). Demonstrando-nos, neste trecho, que o poder concebido a linguagem é tão forte como fator de emancipação que concebe ao sujeito, neste caso Celie, o poder de exibir seu descontentamento contra uma situação sem, no entanto, utilizar-se da violência física para tal, ou seja, sem reproduzir os mesmos fatores que a fizeram diminuída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciamos ao longo deste trabalho, Shug Avery desempenhou uma função primordial na mudança de vida da personagem Celie. Sua personalidade, destarte, mostrou-se como "outrageous, audacious, courageous or willful behavior" (WALKER, 1984 apud BALTRUŠAITYTĖ, 2011). Ou seja, a imagem modelo do conceito de womanist que Walker nos esclarece.

Alice Walker explora também toda a liberdade sexual presente em Shug para guiar a personagem Celie no descobrimento do seu

corpo. Não é à toa que o relacionamento que ambas construíram serviu para emancipá-las dos mecanismos que a aprisionavam da dominação masculina. Pois, antes deste encontro, Celie era tratada como objeto segundo as vontades do esposo e não obtinha de nenhuma perspectiva para o seu futuro.

Ademais, concluímos que os fatos encontrados no romance de Alice Walker, em especial a emancipação da personagem Celie, têm ligação com os estudos psicanalíticos por de ordem de Jacques Lacan. Na qual, define o processo pelo qual Celie vivencia como o estágio do espelho que consiste basicamente do reconhecimento de sua individualidade perante o meio social, e que tal movimento corrobora para a construção da identidade de mulher livre das dominações exercidas pelo homem.

REFERÊNCIAS

BALTRUŠAITYTĖ, Goda. **Breaking the boundaries of masculinity: men and women in Alice Walker's novel The Color Purple**. Dissertação de mestrado University of Amsterdam: 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. Tradução Maria Helena Kühner. 160p.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ESPINDOLA, Bruna Cardoso. **Um olhar sobre a construção identitária da mulher em a cor púrpura.** Dissertação de mestrado UFMG, Campo Grande: 2013.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 1998. Tradução Vera Ribeiro. p75-95.

ROSS, Daniel W. **Celie in the looking glass: the desire for selfhood in the color purple.** MFS Modern Fiction Studies, Volume 34, Number 1, Spring 1988. p. 69-84.

WALKER, Alice. **A cor púrpura.** 6ed. São Paulo: Marco Zero, 1986. Tradução Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. 315p.

